

José Manuel Sobral
Maria Luísa Lima
Paulo Silveira e Sousa
Paula Castro

Introdução

A pandemia esquecida *

1

Depois de ter sido detectado no México em Abril um vírus de gripe, a Organização Mundial de Saúde declarou – a 11 de Junho de 2009 – estar-se diante de uma pandemia. É a primeira vez que tal sucede nas últimas quatro décadas – desde a pandemia de gripe de Hong-Kong de 1968 – apesar de termos passado por vários alertas, em particular os respeitantes à gripe aviária, nos últimos anos.

A actual pandemia deve-se ao vírus de influenza A (H1N1), o agente causador da gripe de 1918-1919, um dos piores flagelos epidémicos da história humana.¹ E o alarme que suscita radica no conhecimento do que significa como um perigo potencial, que pode atingir milhões. Em 1918, a situação em termos de conhecimento médico era bem diferente da de hoje. O vírus era então desconhecido: só em 1933 foi possível demonstrar que ele era a causa da influenza, e só nos anos 40 os investigadores o puderam observar, graças ao microscópio electrónico. Não se sabia como operava e não havia medicamentos eficazes para lidar com ele. Hoje em dia o modo de operar do vírus é conhecido, sabe-se que

* O título deste livro constitui uma homenagem à obra pioneira do historiador norte-americano Alfred W. Crosby, intitulada *Epidemic and Peace, 1918*, de 1976, em que tratou das questões da memória e do esquecimento da pandemia. A uma edição posterior chamou-lhe *America's Forgotten Pandemic*.

¹ Há outros dois tipos de vírus de influenza, o B e o C. Os vírus C raras vezes causam doenças entre os humanos e o B corresponde à gripe clássica do Inverno (Honigsbaum 2009, 11). O tipo A infecta porcos, cavalos, focas, baleias, muitos tipos de aves e os humanos; o B só os humanos. A letra H designa uma proteína, a hemaglutinina, que liga o vírus à célula hospedeira, e a N uma outra – neuraminidase – que promove a libertação dos vírus das células infectadas e a sua propagação no tracto respiratório (Laver, Bischofberger e Webster 2000, 175).

não é estável mas sujeito a mutações, que pode ser comunicado entre animais, passar destes aos humanos e ser transmitido entre estes últimos. Também se possuem outras armas para lutar contra ele: vacinas, como profilaxia, antibióticos, para tratar as infecções secundárias que precipita, e antivíricos. No entanto, o alarme subsiste. Em certas doenças provocadas por vírus, como a varíola e o sarampo, o facto de se ter sido infectado ou vacinado pode garantir a imunidade para toda a vida. Não assim com o vírus da gripe, que está sempre a mudar (Laver, Bischofberger e Webster 2000, 175). Sabe-se que não se pode evitar a sua acção, conhece-se o seu carácter altamente contagioso e reconhece-se que a sociedade globalizada dos nossos dias, assente em particular num tráfego aéreo permanente que unifica os continentes, é um terreno mais propício à pandemia do que a sociedade da segunda década do século XX, quando o tráfego de pessoas e mercadorias por via marítima envolvia contingentes humanos muitíssimo menores e se demorava dias e semanas a colocar os continentes em contacto.

2

Todavia, há um contraste enorme entre o alarme suscitado pela eventualidade de uma repetição – mesmo que haja cepticismo quanto a efeitos mortíferos equiparáveis (Honigsbaum 2009, 168-170) – e a memória colectiva da pandemia de 1918. De facto, a não ser os alarmes e a reiteração de algumas notícias, aquela pandemia parece ter-se sumido da recordação. Até às últimas duas décadas, poucas obras lhe foram dedicadas, o que talvez possa ser explicável pelo facto de a generalização do interesse pelo estudo histórico das doenças ser relativamente recente.² Também não foi tema relevante de memórias ou autobiografias, ou de obras literárias em sociedades onde a influenza de 1918-1919 tem vindo a ser mais estudada. Nos Estados Unidos, mesmo uma órfã da influenza, como a escritora Mary McCarthy, quase nada disse da epidemia, o mesmo acontecendo com alguns dos maiores escritores desse tempo, como John dos Passos – que adoeceu com a gripe –, Hemingway, Faulkner, Scott Fitzgerald.³ Os testemunhos mais relevantes serão os de Thomas Wolfe, de

² Numa das obras pioneiras que introduziu a influenza como objecto de estudo, refere-se a sua ausência dos livros de história mais importantes utilizados nas universidades norte-americanas (Crosby 2003 [1989]: 314-315).

³ Referimos estes escritores, citados por Crosby, por grande parte da sua obra estar traduzida em português e serem familiares aos organizadores deste livro.

Katherine Anne Porter (Crosby 2003 [1989], 314-317), ou de Steinbeck, atingido pela doença (Johnson 2006, 176). Na Grã-Bretanha, a pandemia raramente é mencionada na ficção, em memórias ou autobiografias (Johnson 2006, 172-179).

Em Portugal, à data do lançamento deste projecto, havia apenas dois livros de história da pandemia, recentes, referentes a dois contextos regionais – os de Frada (2005) e Girão (2003) –, embora obras sobre o período já lhe fizessem referência (Oliveira Marques, 1978), se bem que sem desenvolver a investigação a seu respeito.⁴ Também entre nós são muito escassas as referências à pandemia em autobiografias e livros de memórias. Embora não possamos reivindicar um conhecimento exaustivo da bibliografia da época – e aceitemos as lacunas da nossa pesquisa –, a sondagem que efectuámos para a literatura revela-nos a mesma elisão. Aparentemente, nomes destacados da literatura da época, hoje quase desconhecidos, como João Grave, Augusto Casimiro, Manuel Ribeiro ou Joaquim Paço d’Arcos não parecem ter dedicado qualquer romance, conto ou sequer passagem à epidemia de gripe. Do mesmo modo, não conseguimos localizar trechos que se lhe reportem nas obras de Aquilino Ribeiro, Raul Brandão ou José Rodrigues Miguéis. A enorme produção literária e de memórias surgida na sequência da participação portuguesa na I Guerra Mundial quase não lhe faz menção. Numa outra amostra de treze livros de memórias e histórias profissionais publicados por médicos entre 1918 e a actualidade, também deparamos com um idêntico e expressivo silêncio.⁵ Uma das descrições mais importantes da pneumónica encontra-se no conto «Renovo», inserto nos *Novos Contos da Montanha* (1944), do médico e escritor Miguel Torga.

Torga, que teria uns 11 anos aquando da epidemia, descreve os efeitos da mesma numa aldeia. Uma mulher, cujo marido, as três filhas e dois netos haviam morrido, procura manter vivo e com esperança o filho doente – com ela, o único membro sobrevivente da família – que se inquieta a cada dobre a finados do sino da igreja. Procura convencê-lo de que quem morre são os mais velhos, como seria de esperar, e não o grupo jovem – precisamente o mais atingido pela pandemia – a que o filho per-

⁴ V. capítulo 11 de Maria Rita Lino Garnel neste volume.

⁵ V. neste mesmo volume os resultados da investigação de Daniel Melo, independente da que levámos a cabo – à época já havíamos terminado a nossa pesquisa e ele não utilizou estes dados, nem nós os por ele angariados – mas que coincide connosco na conclusão geral da sua pesquisa, o que não deixa de ser elucidativo, abordando ainda outros autores e importantes espólios fotográficos.

tence e em quem reside a esperança da continuidade e da renovação da vida. Oculta-lhe a morte da namorada, dizendo que é ela quem a impede de o visitar, para evitar o contágio. Com o filho restabelecido, já não lhe pode esconder a situação. Ao ver da janela os campos em pousio, as casas fechadas, a aldeia deserta, este descobre o que aconteceu e que também a namorada pereceu. Mas enquanto o sino, que havia cessado de dobrar a finados, para não levar o pânico aos doentes, toca agora para assinalar a vida representada por um baptizado, a mãe aponta-lhe o caminho da continuidade, representado pela existência de mais mulheres e pelos campos, que exigiam «fé e coragem». Pelo meio deste pequeno conto ficamos a descrição do flagelo em meios rurais e o recurso à religiosidade católica, representado pela invocação do padroeiro, o mártir S. Sebastião – protector da peste –, do Senhor dos Passos, do Arcanjo S. Miguel, pela descrição da reunião de homens e mulheres em atitudes de expiação ritual perante a divindade. Ora, dessa concentração religiosa terá resultado precisamente uma intensificação da epidemia pelo contágio, a que o médico não pudera valer. As pessoas morriam rapidamente. Detalhes deste tipo, que são concordes com o descrito em outras fontes da época, denotam um conhecimento preciso do modo como a pandemia operou, revelador do conhecimento do médico já adulto que porventura reconstrói reminiscências da infância.⁶

Mais tarde, já na década de 1970, o escritor Alves Redol, na sua obra publicada postumamente *Os Reinegros*, iria construir uma belíssima saga familiar passada entre os operários e a população mais pobre e marginal de Lisboa. Iniciando-se ainda no final da Monarquia Constitucional, a acção deste romance terminaria com a revolta monárquica de Monsanto, entre 22 e 24 de Janeiro de 1919. Nela, o povo, novamente em armas, salvaria uma República que o havia quase sempre esquecido desde 1910. As descrições da pobreza, da fome, da carestia, das más condições de trabalho e de alojamento são muito frequentes no texto, tal como as referências a greves, lutas políticas, acidentes de trabalho ou pequenas situações de conflito com a polícia e a comunidade, envolvendo roubos, desordens, violência e prostituição. Porém, apenas se menciona de passagem a pneumónica, como se esta fosse apenas mais uma entre as várias provações a que os desafortunados da cidade estavam sujeitos numa República pequeno-burguesa, sempre do lado dos exploradores. O capítulo XXVIII começaria da seguinte forma:

⁶ Agradecemos esta indicação a Margarida Goulão.

As greves parciais não cessavam e o povo começava a cansar-se. Entre os salários e o custo de vida, aumentava o abismo [...] A pneumónica alastrava, numa ceifa aterradora. Os cadáveres ficavam à porta dos cemitérios, esperando vez. Famílias inteiras desapareciam, aldeias despovoavam-se. Não bastavam os transportes usuais para carregar os mortos. (Redol 1972, 364)

Depois desta curta descrição a pandemia só será novamente referida num diálogo em que uma das personagens pretende vincar que as projeções dos desafortunados ainda não tinham terminado:

- Mas que festa é que havia?
- Como a guerra acabou...
- Tu já sentiste que ela acabou? Pois eu, não. Ainda hoje no conto vi bem. E as prisões cheias... e a pneumónica... e a fome que por aí vai. Se não é dia de luto, também não é dia de festa. A nossa guerra ainda não acabou. Parece-me que vai agora começar.
- Cruzes, homem!...
- Vais ver o que está para vir... (Redol 1972, 370)

A literatura portuguesa raras vezes tomaria a gripe pneumónica como matéria-prima, apesar de ela permanecer na memória individual, como pudemos constatar à medida que dávamos conta da nossa pesquisa.⁷ Familiares mais velhos, colegas e amigos contaram histórias que ouviram narrar do modo como a «gripe» afectou a sua própria família ou as localidades em que viviam.

No seu livro de memórias familiares, um exemplo invulgar deste tipo de literatura em Portugal, o arquitecto Francisco Keil do Amaral descreve, detendo-se em particular no destino de uma família de comediantes pobres, como a gripe pneumónica chegou à sua freguesia de Santar, na Beira Alta.

Chegou. E devastou a vila. A Nazaré escapou... E nós também. Gargarejávamos com desinfetantes e tomávamos pastilhas de manhã à noite...

Raros dias transcorriam sem os sinos tocarem a finados. Desapareceram famílias inteiras, ou ficaram dramaticamente reduzidas. Duma delas nunca mais me esqueço, apesar dos meus verdes anos de então, e nunca a rememoro sem emoção e enternecimento. Os Vargas – pai, mãe, cinco filhos, três ou

⁷ V. capítulo 12 de Daniel Melo neste mesmo volume. Tivemos acesso a essa memória ao falar do projecto com familiares e colegas e durante o colóquio por nós organizado através do testemunho do historiador António Reis.

quatro cães e pombas (os cães e as pombas faziam parte do agregado familiar) – não eram da vila mas tinham por ela um certo fraco e ali se atardavam nas suas *tournées* artísticas. Constituíam um «grupo dramático» como então se intitulavam algumas «troupes de comediantes» que percorriam a região, dando espectáculos nos teatrinhos pobres daquelas terras pouco fartas, alguns deles improvisando em adegas ou armazéns. Disso comiam, nem sempre até saciar a fome. Disso e da poesia. Na vila, sentavam-se, à noite, nos degraus do cruzeiro erguido em frente da nossa casa e o Vargas propunha aos seus numa voz enfática, deformada pelo palco: «façam versos à Lua, versos bonitos... Se ficarem bem feitos amanhã comem bacalhau com batatas». E aí desatavam todos a improvisar quadras singelas e claudicantes, que o Vargas criticava, retocava e seleccionava para as ir oferecer no dia seguinte, escritas em floreados papéis numa floreada caligrafia, às donas das casas abastadas, na esperança de que a gentileza fosse retribuída em dinheiro ou géneros. A «pneumónica» levou-lhe a mulher e os cinco filhos. As pombas comeu-as, com lágrimas nos olhos. E os cães abandonou-os, miseravelmente... (Amaral 1970, 222-223)

Entre os trechos relevantes referentes a recordações da época, contam-se as memórias do dirigente anarco-sindicalista Emídio Santana, que referiremos em outro capítulo e, num registo muito dramático, as do poeta, médico e militante comunista Armindo Rodrigues. De uma forma muito clara e sentida, dá-nos o retrato conciso de um sofrimento pessoal intenso, numa época de acontecimentos excepcionais e de forte aceleração do movimento político e social. Atacado com a pneumónica, o padecimento do seu pai seria contemporâneo do funeral de Sidónio Pais:

Eu estava em férias, na minha casa paterna, porque era o dia 21 de Dezembro. O meu pai adoeceu com a terrível gripe pneumónica, que em dois anos, e em duas voltas que deu ao mundo, em dois surtos sucessivos, mataria o dobro das pessoas que a Grande Guerra matara em quatro. Naquela manhã o meu pai sentira-se pior, e em dado momento teve uma hemoptise aparatosa. Foi chamado o médico, que tinha o consultório do lado oposto do quarteirão e acudiu logo que pôde. Urgia aviar a receita. Corri ao Rossio. De sul para norte, com extrema lentidão, uma força de cavalaria da Guarda Republicana avançava. Suponho que seria a testa do cortejo. É de acreditar que eu estivesse nervosíssimo. Tinha catorze anos e meio de idade. Escoando-me por entre os cavalos, cortei, rápido, a formação militar. Apenas parei na farmácia. Quando voltei atrás, já a cavalaria iria no Largo das Duas Igrejas ou mais adiante. Na Rua Augusta havia uma confusa vozeria e tiros. Vinha de lá uma onda de gente que fugia. Ouvi de raspão que uma janela carregada de gente aluía e que havia mortos. Nunca apurei se caiu ou não qualquer sacada. Mortos sei que os houve, pelos tiros de um ou outro soldado que se tomou de pânico. Ao cruzar a Rua da Betesga, ultrapassou-me um homem com uma

Introdução

volumosa braçada de chapéus encaixados uns dos outros, que fora apanhando pelo chão. O meu pai não morreu nesse dia. Morreria no dia de Natal. Teve uma agonia demorada e penosa. A um mês de se completarem, pois que estamos em Novembro de 1984, sessenta e seis anos da morte dele, cuido sentir-lhe o arquejo aflito e ver-lhe os olhos ternos e baços, fitos nos meus, atónitos e impotentes. (Rodrigues 1998, 82-83)